

O itinerário – contra-hegemônico – de Câmara Cascudo

Élmano Ricarte de Azevêdo Souza¹

Beatriz Lima de Paiva²

Maria Erica de Oliveira Lima³



A obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo completou 60 anos em 2014. A Revista Internacional de Folkcomunicação realiza três entrevistas para recordar o aniversário desta bibliografia, cuja importância dar-se como uma referência sobre a cultura brasileira e global e é, além disso, uma das bases para a Folkcomunicação de Luiz Beltrão e os estudiosos deste pensamento. A segunda destas entrevistas é com a professora doutora Vânia de Vasconcelos Gico, do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa – UCP (Bolsista da CAPES - Proc. nº 0706-14-0).

² Estudante do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, do departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Doutora em Comunicação Social, área: Processos Comunicacionais, (Umesp) com sandwich na Universidade Fernando Pessoa (UFP), Porto (2004-2005), como bolsista do Programa AlBan. Visiting Scholar and Visiting Researcher The University of Texas at Austin, pelo Teresa Lozano Long Institute Latin America Studies.

em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Ela é também coordenadora do Observatório Boa-Ventura de Estudos Sociais⁴, uma parceria entre a UFRN e a Universidade de Coimbra (Portugal).

Neste diálogo com a professora, falamos de sua investigação sobre a obra de Luís da Câmara Cascudo e sua relação com os estudos de contra-hegemonia de Boaventura de Sousa Santos (sociólogo português, cuja tese principal chama-se *Epistemologias do Sul*), estabelecendo uma ponte com o pensamento da Folkcomunicação de Luiz Beltrão.

São 20 anos desde que a professora defendeu sua tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, com o título de “Luís da Câmara Cascudo, itinerário de um pensador”, na qual mapeia os estudos do potiguar com suas várias nuances em diversas áreas do saber. Hoje, essa investigação ganha novas perspectivas com as contribuições do pensamento da Folkcomunicação e da contra-hegemonia.

Esta entrevista ocorreu em setembro de 2014, na cidade do Natal, e contou com o apoio da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – Rede FOLKCOM e do Laboratório de Comunicação, do Departamento de Comunicação Social - UFRN.

Professora, a sua tese de doutoramento completa vinte anos, foi feita em parceria com a PUC-SP e tinha o título “Luís da Câmara Cascudo, itinerário de um pensador”. Conte-nos um pouco sobre esse trabalho que a senhora desenvolveu ressaltando as questões locais e internacionais no estudo de Luís da Câmara Cascudo.

Vânia Gico: o trabalho com Luís da Câmara Cascudo foi desafiador no princípio. Eu estava chegando à universidade e só conhecia Câmara Cascudo das leituras, mas não concebia a dimensão do autor e do valor que ele tinha na sua própria terra, no Rio Grande do Norte. Então, fui desafiada a conhecer esse universo de Câmara Cascudo a partir de um livro que recebi de meu colega professor, cujo título era “Viagem ao Universo de Câmara Cascudo⁵”. Quanto mais eu lia aquele trabalho, mais achava que era uma grande contribuição aos estudos da cultura popular que aquele autor tinha feito. Ele era conhecido mundialmente,

⁴ Disponível no endereço: <https://www.facebook.com/pages/OBES-Observatório-Boa-ventura-de-Estudos-Sociais/1528576574038509>

⁵ COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

mas eu própria não conhecia aquela obra toda. Nesse tempo que passei estudando a obra dele, de quatro a cinco anos, consegui mapear um pouco essa obra. Eu perguntava às pessoas que dizem “eu já li tantos livros de Câmara Cascudo”, “ele fala de tantos assuntos”: “quais são os principais assuntos que Cascudo escreve? Qual é o plano da obra dele?” E nessa maneira que a gente tem de rotular o conhecimento, as pessoas me respondiam assim: “Câmara Cascudo escreve sobre tudo”! E eu dizia: “mas será que é sobre tudo? Então, como é que a gente agrupa esse todo, não é?” A minha principal contribuição no estudo sobre a obra de Cascudo nessa minha tese feita na PUC-SP foi assim: mapear um pouco o pensamento. A gente estuda a cartografia, o mapeamento das ideais e foi isso que eu fiz. Esse itinerário da obra dele foi mapear um pouco o que ele fez na história com relação à cultura popular e com relação à memória, porque ele próprio escreveu suas memórias.

Quando a senhora começou suas investigações, como é que estava situado o estudo de Câmara Cascudo nas universidades tanto em relação à Ciência de modo geral, mas também, envolvendo as Ciências Sociais? E como a senhora vê esse estudo hoje?

Vânia Gico: eu tive uma certa resistência da academia em receber um trabalho sobre Câmara Cascudo, porque infelizmente a gente tem um pensamento hegemônico na Ciência: as pessoas mais valorizadas são as mais estranhas à própria comunidade. E ainda tinha uma outra questão - que era uma questão muito séria, eu até batalhei uns dois ou três anos para poder ser aceita num programa de pós-graduação - que era o estilo de escrever de Câmara Cascudo. A Ciência, e principalmente aquela Ciência que se faz nas universidades é muito bitolada em regras, em autores, em metodologia... e Cascudo é um autor que ele próprio dizia que ele escrevia do jeito que queria, porque não tinha método. Ele era autônomo, não tinha nascido para repetir o que outras pessoas tinham dito. Naquela época, isso era muito exigido numa tese de doutorado. Hoje, a gente vê como Cascudo foi riquíssimo ao registrar esse universo do conhecimento da cultura popular e a gente está minimizando isso com a questão do método muito rigoroso... era uma escrita mais livre, uma escrita com autonomia, uma escrita que ele se põe no que faz, muito mais do que repetir uma academia com muita sistematização, no sentido de muito rigor, muita verdade. Atualmente, a gente trabalha muito mais com a incerteza, trabalha mais com um conhecimento que a gente está chamando de

Epistemologias do Sul, com a descolonização das ideias, ou seja, nós trabalhamos com a busca da definição, do seu habitat, da sua forma de dizer, da sua cultura, muito mais valorizada do que repetir a dos outros. Na realidade nós chamamos isso de descolonização das ideias. Ou seja, eu quero mostrar as minhas ideias e não repetir ideias que outros já tiveram. Eu preciso construir um conhecimento novo e que tenha a ver com o contexto em que eu vivo. Câmara Cascudo fez isso muito bem e eu acho que ele hoje está mais moderno ainda do que era na sua própria época quando o reconhecimento era muito mais internacional que nacional. Não é uma contradição? Quer dizer, localmente todo mundo conhecia Cascudo pela figura brilhante, imponente que ele tinha como um líder intelectual, mas, a obra, é ainda pouco conhecida ainda hoje. Pouca gente leu todos os livros de Câmara Cascudo, leu um ou dois, mas não conhece a obra como um todo.

Aqui no Rio Grande do Norte ainda encontramos um pouco disso?

Vânia Gico: eu penso que isso não é uma verdade absoluta, mas, pela minha experiência, as pessoas de fora conheciam mais Câmara Cascudo, inclusive no exterior, do que aqui no estado. Acho que desses 20 anos, houve uma grande luta para se construir o Instituto LUDOVICUS hoje e, anteriormente, ao se colocar no Memorial Câmara Cascudo a obra dele, mesmo uma visita muito superficial, pois não era um estudo da própria obra. Quando eu comecei a estudar a obra em 1994, todos os livros dele estavam na USP – Universidade de São Paulo. A gente não tinha aqui uma biblioteca que tivesse todos os livros dele. Depois eu fui fazer meu pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa e lá, no Instituto de Estudos Africanos, havia toda a obra de Câmara Cascudo e a gente não encontrava aqui, tanto que muitas coisas eu trouxe de lá. Por isso eu digo que, às vezes, o reconhecimento da obra era muito mais fora que aqui no próprio estado.

E vale ressaltar que Cascudo não saía de Natal praticamente... ele ia uma vez ou outra aos outros países, aos outros estados, mas ele se dizia como morador de Natal, o clássico provinciano. E parece que ele estava em vários locais do mundo, não é?

Vânia Gico: se eu tivesse que dizer assim: “qual foi o autor brasileiro ou estudioso, ou intelectual que você conhece que mais se valeu da comunicação”? Eu diria que foi Câmara Cascudo. Naquela época, quando ele começou a escrever era 1921 e a gente não tinha tradição de tanta biblioteca nem de livraria, nem as facilidades que a gente tem hoje para ter um material e ele conseguia se comunicar com o mundo todo. Ele lia *slides* nas suas aulas, e já tinha uma visão de comunicação muito maior do que - com a permissão - as pessoas que trabalhavam com comunicação, tanto que eu fiz um trabalho para apresentar num congresso na Universidade de Alcalá, na Espanha, que eu chamei assim: “Luís da Câmara Cascudo, um Hermes universal no nordeste brasileiro”. E foi de propósito, o Hermes que é aquele “deus” da comunicação que vai fazer a comunicação até com um pouco de previsibilidade do que vai acontecer, premonições e etc... e Cascudo estava trabalhando no Nordeste do Brasil... aqui são mais reconhecidas as universidades Sul, não são as universidades do Nordeste... e a gente tinha um comunicólogo, um Hermes universal no Nordeste brasileiro. Essa forma dele se comunicar, principalmente, pelas cartas precatórias - era aquela carta que ele perguntava as informações, mas ele, de certa forma, obrigava a quem recebia a lhe dar a informação que ele precisava para a obra dele – transforma-o em uma das maiores expressões da comunicação do Nordeste brasileiro.

Professora, ressaltando sua resposta anterior... a gente falava da questão das epistemologias, no sentido de valorizar o local, e isso vai de encontro com o que é estudado no Observatório Boa-Ventura de Estudos Sociais, que a senhora coordena na UFRN em parceria com a Universidade de Coimbra, em Portugal. Como é essa parceria, e como é esse estudo realizado hoje em dia em Ciências Sociais?

Vânia Gico: nosso grupo de pesquisa foi criado com bases de pesquisa em universidades de vários locais no Brasil. Em cada um, a gente focaliza um determinado tema e com os estudantes e professores fazendo aquela construção do conhecimento. Nós começamos a trabalhar com esse convênio com a Universidade de Campinas - UNICAMP na época, em 1992, e naquele momento a gente estudava a história da educação no Brasil. E, de repente, me veio “quais são as ideias de Câmara Cascudo sobre educação?” Porque ele trabalhava um pouco com o papel da escola, quais são as escolas, quais são os professores, quais eram os

personagens que foram importantes na educação naquela época e esse estudo da educação e das interpretações do Brasil, no qual estudávamos Gilberto Freire, Darcy Ribeiro, etc. A gente estava pensando nessa interpretação do pensamento social brasileiro e quais eram os autores expressivos que se encontravam naquele momento. Dando prosseguimento a isso e a esse convênio com a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade de Coimbra, nós encontramos a obra de Boaventura de Sousa Santos. Naquele momento, estudar Boaventura de Sousa Santos não era uma monocultura da mente, não era que a gente ficaria estudando só um autor, era que Boaventura de Sousa Santos tem um trabalho que hoje a gente chama de *Epistemologias do Sul* que é um pouco da desconstrução daquela tradição muito fechada e isso a gente tem em Câmara Cascudo. Então, essa alimentação da obra de Cascudo nos proporcionou encontrar outros autores que tinham uma visão contra-hegemônica do conhecimento. Ou seja, não é só aquele conhecimento padrão, universal, que todo mundo acha que é certo. “Aquele é certo, mas, existem outras possibilidades?” Se existem outras possibilidades, quais são os autores que estão expressando essas outras possibilidades? Isso nos levou também a esse Observatório Boa-Ventura de Estudos Sociais coordenado em rede. A gente encontra os trabalhos que vão dar muita importância às culturas locais, à retroalimentação daquele local que vai lhe projetar para um outro conhecimento, um ponto de partida no qual você também é importante... porque parece que a Ciência foi feita a partir do conhecimento exterior e não a partir do seu conhecimento, do seu próprio local...

A senhora fez uma ponte bem interessante entre os estudos de Câmara Cascudo com Boaventura! Vamos agora fazer uma ponte epistemológica com o Luís da Câmara Cascudo e o seu “chará”, o Luiz Beltrão, pernambucano que desenvolveu a tese sobre a Folkcomunicação? O que podemos falar sobre o encontro desses dois grandes pensadores nossos, nordestinos e brasileiros, sobre esses processos de comunicação baseados na cultura popular? Qual a ponte que nós podemos ter aí?

Vânia Gico: A grande ponte de Câmara Cascudo, desse conhecimento universal que ele tinha, eram as cartas. O que é que tinham nessas cartas? Há pouco tempo, a gente usava muita carta para se comunicar, em todos os sentidos antes da internet, hoje a gente se comunica talvez muito mais, mas o registro é mais “líquido”, digamos assim. E essas cartas de Câmara Cascudo

serviam para ele estudar determinados temas. Ele consultava as pessoas que ele tinha localizado e podiam dar bibliografia e ele perguntava também o que era que as pessoas achavam daqueles estudos que ele estava fazendo. Há algumas cartas que são as “cartas clássicas” que ele conversava com Mário de Andrade, e que Mário de Andrade teria sido a pessoa que o iniciou nos estudos do folclore, mas ele tem uma carta com Luiz Beltrão onde ele vai dizer – um pouco do que Mario de Andrade tinha dito: “a riqueza que você tem neste local que você está é uma riqueza que pode evidenciar muitos dos nossos conhecimentos da cultura popular”. E hoje a gente está com a denominação da Folkcomunicação, que é a comunicação a partir dos conhecimentos da cultura popular, (o *folk* como o *folclore*) de cujo tecido eles já fizeram e que a gente conheceu depois. Eu acho que eles estavam muito mais avançados do que a gente hoje estudando a comunicação. Esse intelectual generalista que a Ciência deixou um pouco de lado quando ela deu uma contundência na especialização, nos deixou alienados desses conhecimentos. O que a gente está fazendo hoje já era muito bem feito por eles dois. Penso que se a gente puder fazer uma ponte da Folkcomunicação com as *Epistemologias do Sul* e com a comunicação como um todo, eu acho que esse tecido dessa construção do conhecimento, se enriquece muito. Por exemplo, hoje a gente pode tranquilamente fazer uma tese de doutorado sobre Folkcomunicação: sobre a cultura popular; as festas das bandeiras; pode ir para Cabo Verde ver como são as manifestações culturais de lá⁶... O que é que expressa esse povo e o que a gente tem em comum com eles? Eu acho que a gente fica um pouco universal, porque as nossas manifestações de conhecimento são muito generalizadas, são muito universais. Eu acho apenas que a gente tem particularidades locais, mas o conhecimento é universal.

A senhora vê essa amplidão que a Folkcomunicação pode atingir dentro das Ciências da Comunicação e das Ciências Sociais, não é isso?

Vânia Gico: os estudos da Folkcomunicação são, hoje, uma riqueza. Essa riqueza que a gente vai trabalhar com os autores das Ciências Sociais, os autores da comunicação, os autores dos

⁶ Em menção a algumas das investigações em andamento pelo professor doutor Itamar de Moraes Nobre, professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos das Mídias, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

conhecimentos científicos, como um todo, enquanto expressão do sujeito. A gente está muito preocupado com a subjetividade da expressão do conhecimento dos intelectuais, porque, na realidade já se descobriu que a gente é intelectual e está escrevendo, mas vai fazer, de fato, uma expressão da nossa própria alma humana, porque não há conhecimento sem expressão afetuosa. Quando você está trabalhando sobre a sua própria expressão das festas populares, por exemplo, você está se revendo enquanto pessoa, enquanto alma humana, enquanto objetividade do trabalho e você está se tornando um sujeito melhor. Há uma questão bem importante nos estudos da Folkcomunicação, e esse é um pensamento meu: a gente fala tanto em individualidade que se esquece que se constrói coletivamente, tanto como gente quanto intelectual. A Folkcomunicação é um bom cenário para a gente se comunicar e se construir coletivamente.

Artigo recebido em: 15/07/2015

Aceito em: 24/08/2015